

Ainda Guerra Junqueiro

Teve o ilustre jornalista Bourbon de Menezes a gentileza de dedicar às palavras que aqui escrevi sobre Guerra Junqueiro um artigo do *Mundo*, em que, afirmando a mais irredutível divergência de vistas, o fez todavia com uma elevação e uma nobreza que lhe dão honra. Julga o sr. Bourbon de Menezes que o meu artiguelho foi «injustíssimo», não menos, e para o provar faz várias considerações a que passo a responder.

O distinto escritor começa por arguir o critico de ele se ter absterido de explicar em que se distingue a *ideia de conjunto* que formulou sobre a obra de Junqueiro «da tal *média* que entre as opiniões discordantes sobre a obra e o valor de um poeta, ele não reputa, e com razão, possível». Ou eu não compreendo o que se me exige, ou o que se me exige é a pura impossibilidade lógica. Se não reputo possível essa *média*—e com razão, apressa-se a declarar o meu presado antagonista!—como é para quê havia de estabelecer comparações entre a minha opinião, bem existente e concreta, e um puro ente de imaginação, dotado de simples existencia verbal? Se tivesse explicado tal diferença, teria definido e qualificado a *média*, e logo esta existiria. Nem eu nem o sr. Bourbon de Menezes poderemos admitir esta consequência.

Depois o meu contraditor ataca impiedosamente o que supõe ter sido o meu objectivo. «Traçar uma apreciação de Junqueiro, embora sumária, que o sr. Raul Brandão pudesse assinar, e por baixo da qual o sr. António Sérgio se não esquivasse de pôr o seu nome, eis uma tarefa a que eu me recusaria a *pies juntillas*, se alguém, embora invocando a minha coragem moral, se lembrasse de me oferecer...» Dir-se-ia que me propuzeram essa tarefa, e que acedi a desempenhá-la. Mas onde viu Bourbon de Menezes que eu houvesse tido essa louca pretensão? Pois não declarei perentoriamente que, não podendo exprimir uma opinião geral, nem mesmo uma opinião média (que não achava, com razão, possível), me limitava a exprimir a minha simples opinião pessoal? Toda a confusão deve resultar aqui de eu ter afirmado que, encontrando-me numa situação intermediária em relação a Junqueiro, nem apologistas nem fundibulários, fôra por isso escolhido pelos meus amigos para traçar umas linhas sobre o Poeta. Mas escrevendo, por este motivo, o meu artigo, ele bem expressamente arredava a hipótese de um acôrdo dos meus camaradas, que conservavam, de pleno direito, as suas anteriores convicções. Se proferi algumas heresias, só eu devo arcar com essa responsabilidade.

Entrando depois na análise do meu trabalho, escreve Bourbon de Menezes: «Não compreendo a afirmativa de que o facto de não haver critica

em Portugal justifique a asserção de que «raro um escritor pôde aqui atingir a plenitude inteira do seu génio». Mas onde é que um escritor atingiu a plenitude do seu génio por obra e virtude da acção critica? O génio é uma força da natureza que as circunstancias podem, sem duvida, desvir ou perder... Mas que pela acção da critica, e de alguma maneira como função dela, o génio de um escritor se tenha afirmado e atingido a plenitude, eis uma tese que me estarrece até à medula dos ossos...» E' o que acontece, meu caro Bourbon de Menezes, sempre que se dão saltos mortais de lógica, e se mascaram e desfiguram as teses, substituindo-as por proposições inteiramente diferentes. Bastou que Bourbon de Menezes, como numa escamoteação de prestidigitador, tivesse introduzido subrepticamente aquele *afirmado* antes do *atingido a inteira plenitude*, que eu escrevera, para a sua indignação contra as minhas palavras tomar a aparência de justiça. Não se tivesse entregue o meu antagonista aos acrobatismos das sinónimas forçadas, não tivesse assentado uma equivalência, que ninguém admite, entre *afirmar* e *atingir a plenitude*, não tivesse ele dado o salto mortal, e a minha tese, de estarrecedora, passaria a ser considerada como o mais inocente, o mais inane, o mais estafado dos lugares comuns—que os meus criticos não deixariam de me exprobar, e com justiça, se ela não constituísse uma peça essencial do raciocínio na análise concreta da nossa situação. Afinal de contas, e não obstante os boatos, mais uma vez estou de acôrdo com o sr. Bourbon de Menezes: «O génio é uma força da natureza que as circunstancias podem, sem duvida, desviar ou perder...» A critica literária, meu amigo, é uma dessas circunstancias—seria interessante que o não fôsse—e por isso todas as grandes épocas da literatura foram simultaneamente grandes épocas da critica. Podem-se balar os mas brilhantes periodos literários com o nome de um critico: não é insensato dizer o século de Boileau, a época de Sainte-Beuve, de Taine. Hoje estão em França a pedir um *critico* como o unico meio de introduzir alguma ordem na anarquia literária que lá reina. Entre nós o lucido espirito critico de Moniz Barreto, uma das figuras mais interessantes do nosso século XIX, e decerto a intelligencia mais viva, mais analítica, mais perspicaz que ele produziu, relampejou apenas por instantes, e António Sérgio só começa ainda... O mais que por ahi se vê e se viu não tem classificação possível. Ah! houvessemos nós tido os criticos, e não teríamos assistido a essa tremenda injustiça que foi a glorificação exclusiva de Junqueiro, com prejuizo e até ofensa da memória de homens como Antero, Eça, Oliveira Martins—e, devo acrescentar, esse tão esquecido e sim-

pático Ramalho, o mestre do estilo nítido e transparente, luminoso e palpitante, disciplinado e sugestivo, cuja prosa segura e vernácula, expressiva e musculosa, deveria ser a escola onde todos os nossos escritores aprendessem a arte suprema da expressão correcta e clara, desse deslizar de límpida corrente que cada vez mais nos vai faltando. Tivéssemos nós finalmente os críticos, e não teria sido possível o espectáculo deprimente dum Junqueiro meio filósofo meio cabotino, montando ao seu génio, às suas tendências, ao seu carácter, aparecendo como um exemplo monstruoso de *bovarismo* literário, fazendo a todos os instantes a sua própria caricatura, renegando o que constituía as mais brilhantes facetas do seu talento para assumir uma atitude postiça de ideólogo chôcho e apóstolo de palavreado—ele, cuja verdadeira grandeza consistiria em não ocultar as mais profundas tendências do seu ser, em se mostrar tal como foi no fundo até á morte, salanico e cruel, ironista e sarcástico, sensual e veemente—e continuando a produzir as páginas estridentes e sinceras que esmaltam, rútilas, as suas primeiras obras. Ele teria ostentado porventura até mais tarde todas as pujanças do seu talento—e a última fase da sua vida não teria sido, como foi, uma mentira. Ser fiel a si mesmo, ser fiel á verdade, é a primeira condição da beleza.

Mas até aqui, observo eu com alegria, o meu acôrdo com Bourbon de Menezes parece-me absoluto. E teríamos de cair nos braços um do outro, mais uma vez bramando contra as camuflagens da palavra, inventora de concordancias e divergencias ficticias, se não começasse agora a desenhar-se uma real divergencia—ainda que residindo, em parte, tambem em palavras. Ah meu amigo, se o pensamento se pudesse exprimir sem palavras, como as discussões se simplificariam!

«Para que um homem possua grandes faculdades intellectuais—pregunta Bourbon de Menezes—será indispensável que, sob o pretexto de que tropeça nas ideias, seja um banalão ou um desalinado, falando, escrevendo e conversando?» Eu pergunto a mim mesmo se já alguma vez, mesmo nos meus sonhos mais estúpidos, articulei as primeiras palavras, sequer, de tal desconchavo. Se afirmei que Guerra Junqueiro tinha grandes dotes expressivos, se sustentei que, faltando-lhe seguramente a intuição do génio, a profundidade do pensador, a emoção dos grandes poetas torturados, deveria o tipo da sua imaginação ser rotulado de verbal, essas minhas afirmações não implicavam que, para ser considerado como génio, houvesse um escritor de ser destituído totalmente das faculdades mestras que apontava em Guerra Junqueiro. O sr. Bourbon de Menezes comete aqui um sofisma involuntário—mas que visto a boa luz é transparente.

«Nunca vi attribuir a Guerra Junqueiro»—continua o illustre jornalista—«as *qualidades máximas do pensamento*». E' que o distincto escritor não tem a memória fiel. Se bem me recordo, toda a gente chamou a Guerra Junqueiro um

grande espirito. Quere citações?—Até de chamaram a *cerebração máxima*, o maior génio da *raça latina*, o que quere dizer—não é assim?—que lhe attribuíram um pensamento profundo, original, vasto ou subtil — numa palavra, as *qualidades máximas do pensamento*. Continua a querer citações?

«Se para se ser um grande poeta e um extraordinário artista é condição *sine qua non* possuir essas *qualidades máximas do pensamento*, para onde é que o criticismo implacável do sr. R. P. arremessa Hugo, e Musset, e Vigny, e Baudelaire, e Verlaine, e Gomes Leal, e António Nobre, e tantos outros, numa palavra, todos os grandes poetas?»

Em primeiro lugar entendamo-nos. Quando falo, a propósito de Junqueiro, em qualidades do pensamento, não me refiro ao *pensamento rigorosamente organizado* dum filósofo, metódico, exaustivo, obstinado, profundo, com um sistema definido do mundo e da vida, uma metafísica, uma teoria do conhecimento, um sistema de moral e uma teodiceia. Falo (e bem o declarei no meu artiguelho) no *pensamento poético*, na capacidade de concepção e de imaginação poéticas, no poder de architectar tipos, ficções, symbolos, imagens que se imponham pelo seu arrôjo, profundidade ou grandeza. Falo ainda no *pensamento vulgar*, no sentido das contradicções e das repugnancias lógicas, que, sem erguer um espirito ás supremas culminancias da Inteligencia, o não faz contradizer-se e negar-se a si mesmo. Exijo a Junqueiro o que exijo aos homens ordinários e ainda o que exijo aos grandes poetas. Poderia exigir mais, pois não só Junqueiro se nos apresentou como filósofo, mas chegou a afirmar *urbe et orbe* que, se morresse sem nos ter legado o seu sistema filosófico, morreria desconhecido. Tinha o direito de criticar as suas pretensões, de indagar o que valiam. Não o fiz, porque seria uma tarefa inglória: na filosofia de Guerra Junqueiro não se deve tocar nem com uma flôr. Limitei-me a afirmar que, absolutamente destituído de pensamento filosófico, falho e desordenado no pensamento vulgar, o seu pensamento poético era de ordem secundária: nunca ele se erguera ás culminancias assombrosas a que têm ascendido os grandes poetas de todos os tempos. Direi agora, para precisar as minhas ideias, que mais poetas do que ele se revelaram, certamente, Eça e Oliveira Martins.

E pergunta o sr. Bourbon de Menezes para onde relego Hugo, Musset, Vigny—e, depois de citar Baudelaire, Verlaine, Gomes Leal, Nobre, acrescenta — *numa palavra*, todos os grandes poetas? *Numa palavra*, é um pouco apressado. Temos de ir mais devagarinho. Porque é que Bourbon de Menezes me não falou em Sófocles, Esquilo, Dante, Shakespeare, Goethe, Camões, e quasi chamou apenas a atenção para poetas de segunda ordem? Será porque acaso a verdade das distincções que eu sugerira lha tenha o seu inconsciente imposto duma maneira iniludível? Sim, Junqueiro é da familia dos Baudelaire.

laire, dos Nobres, não dos Shakespeares e dos Camões. Decerto, dirá Bourbon. Mas a linguagem havida para com ele, replicarei, foi como se houvesse sido um super-Shakespeare e um super-Camões. Demais Hugo está tanto acima de Junqueiro como pensador-poeta que um dos maiores filósofos franceses, Renouvier, escreveu *Vitor Hugo, penseur*, e outro, Guyau, consagra à «filosofia» hugoana numerosas páginas da sua obra. Quanto a alguns dos outros, creio que estarão ainda acma de Junqueiro, pela maior profundidade da emoção (Gomes Leal, Verlaine), muito maior elevação do pensamento poético (Vigny), mais estranha originalidade expressional (António Nobre). Dê ao Só uma regularidade desesperadora, tire-lhe as maiores excrescências da loucura, e terá os *Simples*. Os *Simples* são o Só numa camisa de forças.

«Ouso formular novamente—continua o distinto jornalista — outra tímida pergunta: onde está na obra poética de Antero—o formidável Antero dos Sonetos—*esse minimo de necessidade lógica e de pensamento construtivo* que quasi absolutamente falha na de Junqueiro? A despeito de Antero ter sido, no mais alto grau, um poeta de ideias, o que eu enxergo, atravez da longa série dos sonetos, debatendo-se na onda da sensibilidade do poeta, não são senão as contradições, ilogismos, desfalecimentos intelectuais!»

Escusava Bourbon de Menezes de formular tão timidamente uma pergunta a que dá, desde logo, uma resposta tão arriscada. Há por força ahí um grande equívoco. Os *Sonetos* de Antero não são *uma obra* no sentido em que o são a *Morte de D. João*, a *Velhice do Padre Eterno* ou a *Pátria*. São um conjunto de composições desligadas, escritas no decurso de muitos anos, e em que se assiste á *evolução filosófica* do grande Poeta. Não se póde, pois, exigir aos *Sonetos* a coerencia lógica, a unidade de pensamento de uma obra como qualquer das de Junqueiro. Ahí não há contradição do pensamento consigo mesmo, mas ascensão gradual do pensamento, e todas as contradições resultam, não dum espirito que se nega a si próprio, mas que se afirma no mesmo passo que se debate, que procura a cada momento a máxima unidade e o pleno acôrdo, e se ergue á clara consciencia das antinomias, sabendo que muda e se transforma. Tomado cada um dos sonetos ou das séries de sonetos de per si, isoladamente, a sua estrutura lógica é absolutamente irrepreensivel. Não há ahí um só *ilogismo*. Se assim não fôsse, nunca Antero poderia ser, *no mais alto grau*, um «poeta de ideias», como admite Bourbon de Menezes, pois não se concebe um poeta de ideias dessa categoria a quem faltasse o que dá ás ideias a sua unidade e a sua força.

O contrario succede em todos os livros de Junqueiro. Não há um unico porventura em que a tese, a ideia-matêr, o pensamento inicial não seja destruido pela própria urdidura do poema. Lançada na sarabanda oscilante e fulgurante da sua rica improvisação verbal, toda a ideia fica

amarranhada e despedaçada, como se a tivessem metido entre os cilindros triturantes dum mecanismo poderoso e irreprimivel. Vêja a *Pátria*, por exemplo. O que é o livro? Um ataque á monarquia. E o que seria preciso, segundo o posfácio do poeta? Um homem—um Rei. Contradições destas repetem-se em todo o decurso da sua obra, porque sempre o verbalismo coruscante e irrequieto o lançou para fóra dos trilhos onde corre, limpo e cristalino, o pensamento claro e distinto.

Finalmente, o meu contraditor revolta-se contra a minha afirmação de que os *Simples* são uma obra da decadencia. O meu distinto confrade aqui, diante da enormidade do meu juízo, não discute, indigna-se. Mas indignação não é razão.

Como se vê, Bourbon de Menezes não conseguiu demonstrar que eu fôra injusto (sendo como é a justiça, com o amor da verdade, a maior paixão da minha vida); que errara recusando a Guerra Junqueiro as qualidades dum génio universal, poderoso e omnimodo, humano e profundo, como aqueles que têm direito a passar nas barcas de regresso, auriflamantes, o negro rio do Esquecimento; que não fôra com razão que me revoltara contra a ausencia, mais uma vez manifestada, do exacto sentido das proporções, e o facto de se erguer á Inspiração Verbal um preito mais entusiasta que ao Pensamento Profundo, ao Espirito Subtil, á Vasta Inteligencia — que me parecia vêr representadas distintamente na obra dum Antero, dum Eça ou dum Martins. Creio que nos chegaremos a entender (ou Bourbon de Menezes não fôsse uma pessoa argutamente inteligente), se procurarmos vêr nas palavras de cada um de nós o que realmente elas exprimem, e não o que a nossa sensibilidade introneteada lhes interpõe. Dispamos a discussão de todas as disputas verbais, da vestiária complicada dos accidentes, entremos no amago da questão essencial, e Bourbon de Menezes, com o seu belo espirito, não tardará a reconhecer que é urgente restabelecer a hierarquia na literatura portuguesa, fixar uma tabela de valores, resolver, tambem aqui, o problema da ordem, que é, como em toda a parte, um problema de justiça. Foi em nome dessa hierarquia ofendida e da verdade menospresada que ergui a minha modesta voz, afoitamente discordante, no meio do côro universal dos louvores. Nenhum ressentimento, que o não tinha, nenhum ódio, nenhum despeito, nenhuma inveja impeliram a minha pena—que foi, como procuro sempre que seja, sincera e verídica.

Se o meu estimado antagonista insistir em demonstrar que Junqueiro é digno duma viva admiração, não fará mais que *enfoncer une porte ouverte*: tambem eu, no meu artigo, me confessei admirador de Junqueiro. Toda a questão está em saber se o consenso geral o não colocou num plano que lhe não compete. Não fujamos, pois, de aqui.

O sr. Bourbon de Menezes fecha a sua prosa com uma bela e comovida evocação — uma

nuvem ruborizada no céu sobre o Tejo, um panorama que com as sombras da noite se esvai no silencio, um retrato de Junqueiro, com uma expressão de beatitude... Também eu olho a estante, onde os meus pobres livros se enfileiram. Lá vêjo um dos ultimos volumes de Junqueiro,

em que ele pôz a sua dedicatória... Mas lá fóra, hoje, não há nuvens. Todo o céu é luminoso, como uma cúpula de lápis-lazuli. Como vêm longe as sombras da noite!...

RAUL PROENÇA